

Laboratório reutiliza seringas

Foto de Soneca

SÃO PAULO — O ritual era sempre o mesmo. Por volta das 13h, uma mulher vestindo luvas de plástico tirava de um saco de lixo preto muitas seringas, que depois eram colocadas numa pia com a torneira aberta. Com ajuda de um paninho, ela começava a esfregá-las e depois as guardava num recipiente plástico. Na mesma pia, antes e depois, era comum ela lavar panos de chão e outros objetos.

Essa rotina, flagrada pela equipe do GLOBO no Laboratório Paulista de Patologia e Análises Clínicas, localizado na Rua 7 de Abril 404, no Centro desta Capital — que atendia à média de cem pessoas por dia —, foi interrompida ontem, com a atuação do estabelecimento pela Secretaria municipal de Saúde, sob a acusação de “reprocessar artigo médico hospitalar de uso único”. As penas variam da advertência à interdição.

A vistoria foi feita pela médica Maria Ramos de Almeida e a farmacêutica Judite Grugin, esta do Centro de Vigilância Sanitária.

Elas encontraram 88 seringas com restos de sangue dentro de um vasilhame com água no almoxarifado do laboratório, junto com vassouras, panos de chão e sacos de lixo, além de dezenas de agulhas descartáveis usadas. Na sala ao lado, foram encontradas em um armário mais 45 seringas acondicionadas em plásticos com os dizeres: “Seringa descartável, estéril, atóxica”, sem cons-

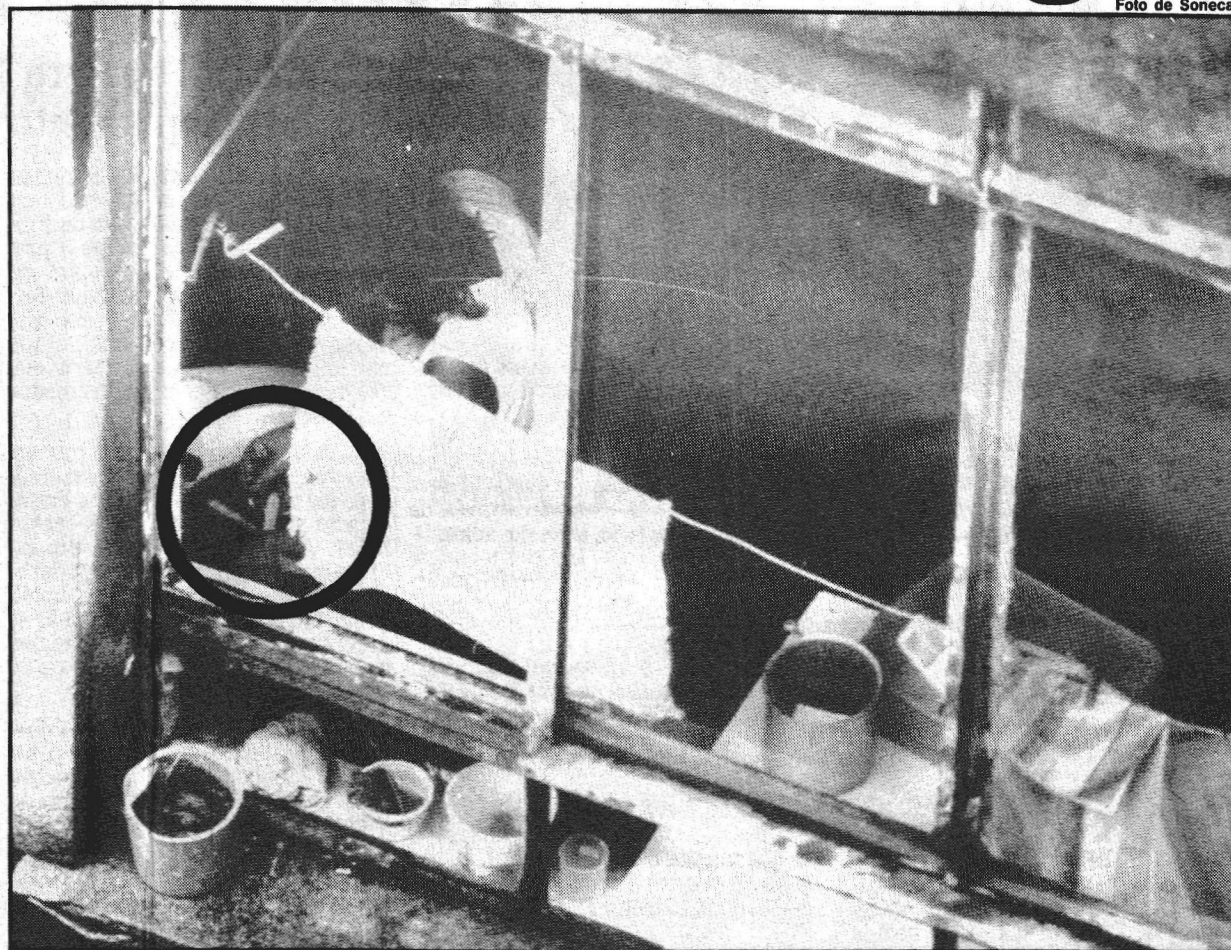
tar o nome do fabricante. Todas elas apresentavam uma cor amarelada.

Miralva Gomes dos Santos, a funcionária fotografada pelo GLOBO lavando as seringas na pia, afirmou que não trabalhava no laboratório e que estava de passagem para encontrar uma amiga. A coletora de sangue e administradora do laboratório, Elizabeth Grugin, negou que as seringas eram lavadas. Disse apenas que elas são colocadas em um recipiente com água para retirar os resíduos de sangue antes de serem jogadas fora.

Nenhuma máquina de reembalagem foi encontrada no local, mas as seringas achadas no recipiente com água foram apreendidas para análises e incineração.

O Médico Paulo Guilherme Cardoso Campana, um dos sócios do laboratório, afirmou desconhecer a origem do material descartável e negou a reutilização de seringas e agulhas. Ele disse que a lavagem do material é uma recomendação da área médica para que não seja jogado no lixo com resíduos de sangue.

— Como os laboratórios, de uma maneira geral, não têm o atendimento da Divisão Técnica de Compostagem, serviço da Prefeitura especializado no recolhimento de lixo hospitalar, a recomendação é de que o material descartável seja lavado em solução de hipocloreto antes de ser jogado fora — disse Paulo Guilherme.



Miralva lava as seringas descartáveis (no círculo) numa pia nos fundos do laboratório, antes da reutilização.